

CINOMOSE CANINA: REVISÃO DE LITERATURA

ALBUQUERQUE, Andréia Rocha de¹
DREHMER, Cesar Leandro²
SILVA, Vanessa Gomes da³

RESUMO

A cinomose canina é uma doença altamente contagiosa, acomete cães jovens ou não vacinados dos 60 dias aos 08 meses, ou ainda que possuam uma vacinação incompleta sendo causada por um vírus da família *Paramyxoviridae*, do gênero *Morbilivírus*. A transmissão ocorre por contato direto, através de alimentos, objetos contaminados e aerossóis. Dentre alguns sintomas podem apresentar: febre, catarro conjuntival, rinite purulenta, tosse, diarreia mucossanguinolenta e pústulas abdominais, podendo assumir também a forma nervosa. Como tratamento ainda não há nada especificado, deve-se tratar somente os sintomas, considerando que para evitar esta doença deve-se adotar medidas de imunoprofilaxia.

PALAVRAS-CHAVE: Cinomose; Cães; Contagiosa; Vírus.

CANINE DISTEMPER: LITERATURE REVIEW

ABSTRACT

Canine distemper is a highly contagious disease affecting young dogs or not vaccinated 60 days to 08 months, or that have incomplete vaccination is caused by a virus of the family *Paramyxoviridae*, genus *morbilivirus*. Transmission occurs by direct contact, through food, contaminated objects and aerosols. Among some symptoms may present: fever, conjunctival catarrh, purulent rhinitis, cough, diarrhea and abdominal pustules, mucous and bloody discharge, may also take the form nervous. Treatment as yet there is nothing specified should treat only the symptoms, considering that is to prevent disease should adopt measures immunoprophylaxis.

KEYWORDS: Distemper, Dogs, Contagious; Virus.

1. INTRODUÇÃO

O vírus da cinomose pode infectar tecidos epiteliais em todo o organismo. O envolvimento pulmonar geralmente é identificado como doença grave, e a pneumonia bacteriana é uma complicação comum. (ETTINGER; FELDMAN, 2008, p.440).

Doença altamente contagiosa, causada pelo Vírus da Cinomose Canina (VCC). Segundo Correa (2011), o vírus causador é da família *Paramyxoviridae*, sendo um patógeno de alta mortalidade, porém inferior ainda à raiva canina.

Para Oliveira (2010), a cinomose ataca o Sistema nervoso Central dos cães, geralmente em períodos mais frios do ano.

Hirsh e Zee (2009) descrevem a cinomose como uma infecção viral aguda com febre bifásica, onde o animal apresenta sinais clínicos no sistema nervoso central, diarreia, vômito, secreções nasais e oculares, leucopenia, trombocitopenia, dificuldades respiratórias assim como uma queratinização nos coxins e focinho além de lesões cutâneas.

Segundo Ettinger e Feldman (2008) a pneumonia bacteriana é bastante comum em cães, porém problemas subjacentes podem complicar todo o quadro pulmonar do paciente.

2. METODOLOGIA

A metodologia utilizada no presente estudo foi de pesquisa bibliográfica, afirmando temas já altamente discutidos e pesquisados, baseados em revistas científicas, artigos, livros e sites relacionados à Medicina Veterinária. Segundo Gil (1999), é uma pesquisa que se desenvolve através de materiais já publicados.

¹ Acadêmica do Curso de Medicina Veterinária 6º Período FAG – Faculdade Assis Gurgacz. Cascavel – PR. e-mail: drika_deia@hotmail.com

² Acadêmico do Curso de Medicina Veterinária 6º Período FAG – Faculdade Assis Gurgacz. Cascavel – PR. e-mail: cesadrehmer@hotmail.com

³ Professora Me Orientadora. e-mail: vanessags@fag.edu.br

3. REVISÃO DE LITERATURA

Para Ettinger e Feldman (2008), o agente causador da cinomose possui a denominação de Morbillivirus, pertencente à família Paramyxoviridae, que pode ser destruído com calor, detergentes, e desinfetantes. Oliveira, Antonio e Zappa (2009) acrescentam que o vírus possui forma envelopada com genoma RNA fita simples e que acomete tanto cães domésticos como outros carnívoros. Hirsch e Zee (2009) descrevem o formato do vírus como sendo esférico com tamanho variável entre 150 a 300 nm, envoltos por lipoproteínas, possuindo apenas um antígeno.

A doença possui um período de incubação que varia de 03 a 05 dias, segundo Hirsch e Zee (2009), a mortalidade ocorre mais em filhotes com complicações respiratórias e encefalite, dependendo da imunidade do paciente.

Os primeiros casos de cinomose foram relatados na Europa em meados do século XIX, SANTOS (2006), afirma que a doença foi causada por um vírus bastante patogênico. Já no século XX a doença foi considerada fatal em cães de todo o mundo, sendo necessário a criação das primeiras vacinas contra a enfermidade.

Santos (2006) acrescenta que o número de casos tem aumentado nos últimos anos devido a imunizações incorretas. As vacinas utilizadas são de vírus vivos, pois em meados dos anos 40 não houve um controle eficaz em função das vacinas da época serem fabricadas com vírus inativados.

3.1 EPIDEMIOLOGIA

Doença mundial e endêmica, não havendo pré-disposição à raça ou sexo, porém acomete animais com idade que varia de 60 a 90 dias, devido à diminuição nos anticorpos recebidos pela mãe, Santos (2006) afirma ainda que cães com até dois anos de idade podem ser infectados pela doença, em função de uma vacinação incorreta ou insuficiente.

Segundo Martins, Lopes e França (2009), os primeiros relatos de transmissão da doença ocorreram em 1844, em experimentos realizados. Os animais expelem o agente viral por excreções corporais, como a urina, fezes, via placentária e principalmente aerossóis. Ettinger e Feldman (2008) corroboram dizendo que os animais mais suscetíveis são os jovens. Algumas cepas são pouco virulentas, porém outras são altamente contagiosas, causando encefalite e grande mortalidade. De acordo com Oliveira e Oliveira (2010), é um vírus que costumeiramente ataca mais no inverno, por possuir maior afinidade com ambientes frios.

Após infectar tecidos linfócitos, o vírus replica-se e cai na corrente sanguínea atingindo tecidos epiteliais e também o sistema nervoso central. O vírus é eliminado através de secreções respiratórias e oculares por até 90 dias após sua infecção. Ao ser inalado, o vírus é fagocitado pelos macrófagos sendo levados para as tonsilas, brônquios e faringe, em 24 horas pelos vasos linfáticos. (OLIVEIRA, ANTONIO e ZAPPA, 2009).

Nogueira et al, (2009), relata que o animal se contagia pelas vias respiratórias e oral, ocorrendo multiplicação nas tonsilas e nas glândulas linfáticas cervicais, contaminando o sangue em até 10 dias.

3.2 SINAIS CLÍNICOS

Os primeiros sinais a aparecerem geralmente são febre, vômito, diarreia e certa dificuldade respiratória. Picos febris ocorrem entre o 2º e 6º dia e entre o 8º e 9º dia podendo chegar a 41°C, juntamente com anorexia, apatia e conjuntivite, podendo a doença evoluir em 04 fases, que são: respiratória, gastrointestinal, nervosa e cutânea. (SANTOS, 2009).

O vírus é encontrado nos linfonodos das tonsilas, após dois dias de contato, entre o 2º e 3º dia apresenta associada à viremia uma leucocitose, a partir do 4º dia de infecção encontra-se vírus nos sistema linfático, gastrointestinal e respiratório, apresentando sinais generalizados inclusive em epitélio conjuntival e coxins a partir do 7º dia da contaminação os sinais cutâneos de acordo com Lopes (2009) há presença de pápulas e hiperqueratose de coxins. Em média o sistema nervoso central é atingido no 9º dia, causando distúrbios neurológicos, muitas vezes irreversíveis. (HIRSH e ZEE, 2009).

Ettinger e Feldman (2008), descrevem os sinais da cinomose aguda como mioclonia, tiques de mastigação, convulsões, cegueira, rigidez muscular e vocalização, sendo que lesões neurológicas apresentam-se de forma irreversível.

Para Correa (2011) os sinais neurológicos são bastante variados, como paralisia de membros, convulsões, tremores, ataxia e hipertermia. Estima-se que entre 25% a 75% dos cães sejam transmissores da doença, porém não apresentam sinais clínicos.

Segundo Oliveira, Antonio e Zappa (2009), a falta de vacinação ou vacinados incorretamente e o contato com animais infectados pela doença, acabam sendo acometidos pela mesma. Sendo os sinais clínicos variantes de acordo com a cepa viral, a imunologia e idade, porém tosse, diarreia, anorexia e desidratação comumente são encontradas na fase aguda, juntamente com perda de sangue.

3.3 DIAGNÓSTICO

O diagnóstico baseia-se nos sinais clínicos do animal (Ettinger e Feldman, 2008), devendo o médico veterinário estar atento, pois no consultório já deve levantar a suspeita (Oliveira e Oliveira, 2010).

Como os sinais clínicos são variáveis nos canídeos, para que se confirme a doença é necessário realizar exames laboratoriais. Hirsh e Zee (2009), afirmam a importância da realização de testes de laboratório. Ettinger e Feldman (2008), para que o resultado seja definitivo é importante que se faça a detecção do vírus através do teste de anticorpo fluorescente.

Cada exame possui vantagens e desvantagens, seja no custo do processamento ou no tempo previsto para dar o laudo. Ettinger e Feldman (2008) ressaltam que o teste sorológico pode não diagnosticar a cinomose em fase aguda, devido à falha de resposta imunológica. O método PCR é o que dá um resultado mais preciso, porém possui alto custo. O método Elisa coleta secreções de mucosa do olho, saliva, urina ou secreção nasal ou ainda através do plasma sanguíneo, tem diagnóstico rápido e barato, porém pode gerar falsos negativos quando a presença de vírus for baixa. A pesquisa do corpúsculo de Lentz tem baixo custo e resultado rápido, porém o vírus deve estar em mitose para ser detectado. (LOPES, 2010). Um método utilizado para o diagnóstico é o histopatológico, Nascimento (2009), é um resultado definitivo devido às lesões causadas no sistema nervoso central, porém é realizado somente *pós mortem*.

3.4 TRATAMENTO

Não há uma droga específica no combate da doença, porém colírios, antibióticos e anti-inflamatórios, anticonvulsivantes, podem melhorar a qualidade de vida do animal. (OLIVEIRA e OLIVEIRA, 2010).

Como indicação no tratamento, Ettinger e Feldman (2008), recomendam o uso de antibióticos de amplo espectro para controlar as infecções bacterianas, juntamente com fluidoterapia e suplementação nutricional. O mais indicado é a profilaxia, ou seja, realizar vacinação nos filhotes, pois quando feita de forma correta o resultado é satisfatório. Os filhotes podem ser vacinados num período que compreende de 6 a 8 semanas de idade, com intervalo em média de 30 dias. (NASCIMENTO, 2009). Segundo Oliveira e Oliveira (2010), para evitar a infecção é necessário fazer o reforço anual da vacina. Nogueira et al, (2009), a vacinação ainda é o único meio de prevenção da cinomose, caso isso não ocorra ou as doses não sejam dadas corretamente o animal poderá desenvolver a doença.

Nogueira et al. (2009), afirma que se o sistema nervoso central for acometido, as drogas terão eficácia reduzida. Caso o animal apresente déficit neurológico, a única alternativa ainda conhecida é a Eutanásia. OLIVEIRA et al. (2009), o prognóstico para cães com o sistema nervoso central acometido pela cinomose é desfavorável.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como a cinomose canina é uma doença altamente contagiosa causada por um vírus da família *Paramyxoviridae* e atinge cães jovens, não vacinados ou ainda com vacinação incompleta, devem-se levar em consideração seus sinais clínicos, podendo salvar a vida do cão, que são: diarreia, vômito, febre, doenças respiratórias e atingir o sistema nervoso central, gerando sérias sequelas. Recomenda-se utilizar em cães infectados com cinomose um tratamento de suporte com antibióticos para evitar infecções bacterianas e anticonvulsivantes para distúrbios neurológicos, porém se o prognóstico do animal for desfavorável, é importante analisar a possibilidade da realização da eutanásia. A vacinação contra cinomose canina é o melhor método para prevenção, onde ocorre a imunização ativa, com produção de anticorpos específicos. Faz-se a vacinação no período de 06 a 08 semanas de vida do animal para não ocorrer interferência da imunidade materna.

REFERÊNCIAS

- CORREA, Isabel. Releitura de Artigos Científicos – Casos Cinomose. **Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, 2011**. Disponível em: <<http://www.ebah.com.br/content/ABAAe4aoAD/cinomose>> Acesso em: 28/04/2013.
- ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C. **Tratado de Medicina Interna Veterinária**. 5. ed. v. 2. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2008.
- GIL, Antonio C. **Administração de Recursos Humanos: um enfoque profissional**. São Paulo: Atlas, 1999.
- HIRSH, Dwight C.; ZEE, Yuan Chung. **Microbiologia Veterinária**. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara Koogan, 2009.
- LOPES, Ricardo Duarte. **Cinomose**. 2010. Disponível em: <http://www.provet.com.br/artigo/seu_pet/cinomose>. Acesso em 01/05/2013.
- MARTINS, Danieli Brolo; LOPES, Sonia Terezinha dos Anjos; FRANÇA, Raqueli Teresinha. Cinomose Canina – Revisão de Literatura. **Acta Veterinaria Brasilica**, v.3, n.2, p.68-76, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufersa.edu.br/revistas/index.php/acta/article/view/1178/712>> Acesso em 28/04/2013.
- NASCIMENTO, Daniela de Nazaré dos Santos. Cinomose Canina – Revisão de Literatura. Universidade Federal Rural do Semi-Árido. **Departamento de Ciência Animal. Clínica Médica de Pequenos Animais**. Pará: 2009. Disponível em: <www.equalis.com.br/biblioteca_online/download_pdf.php?artigo> Acesso em: 01/05/2013.
- NOGUEIRA, D. J.; MELO T. C.; TONET, A. B.; SILVA, A. L. S.; BERNARDELLI, G. **Aspectos clínicos e tratamentos da cinomose canina no Hospital Veterinário das FIO**. 2009. Disponível em: <http://fio.edu.br/cic/anais/2009_viii_cic/Artigos/09/09.04.pdf> Acesso em: 01/05/2013.
- OLIVEIRA, Amanda Claudia; ANTONIO, Nayara da Silva; ZAPPA, Vanessa. Cinomose Canina – Relato de Caso. Revista **Científica Eletrônica de Medicina Veterinária**, Ano VII – Número 12, 2009. Disponível em: <<http://www.revista.inf.br>> Acesso em: 01/05/2013.
- OLIVEIRA, Lúcia Helena de; OLIVEIRA, Fábio de. **Guia de Saúde do Pet**. São Paulo: Ed. Abril, 2010.
- SANTOS, Brunno Medeiros dos. Cinomose Canina – Revisão de Literatura. **Universidade Castelo Branco – Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação**, 2006. Disponível em: <<http://qualittas.com.br/uploads/documentos/Cinomose>> Acesso em: 28/04/2013.